



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 1
jan-jul.2025
p. 506-522

Sentidos atribuídos à monogamia e à não monogamia: análise fenomenológica hermenêutica no YouTube

(Monogamy and non-monogamy meanings: hermeneutic phenomenological analysis on YouTube)

(Sentidos atribuidos a la monogamia y a la no monogamia: análisis fenomenológico hermenéutica en YouTube)

Arthur Lopes¹

RESUMO: No bojo dos empreendimentos de contestação e insubmissão à mononormatividade, assiste-se a categorias relacionais e afetivas insurgentes que invocam o “amor livre”. Contudo, o esforço de contrapor o imperativo da monogamia, de decolonizar as afetividades e seguir rumo a uma artesanania de afetos esbarram nos constrangimentos impostos pela própria modernidade/colonialidade. Por essa razão, busco interpretar opiniões e experiências mais amplas sobre o tema, explorando, inclusive, as possíveis disputas no plano da vida cotidiana acerca dos sentidos e significados atribuídos à monogamia e à não monogamia, que emergem das narrativas no YouTube. A interpretação dos discursos foi feita com base na fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur, à luz do diálogo estabelecido com referências que tratam do amor e de configurações relacionais, como, dentre outras, Geni Núñez, Brigitte Vasallo, bell hooks, Duina Porto, Antonio Pilão e Rhuann Lima Fernandes Porto.

PALAVRAS-CHAVE: não monogamia; monogamia; fenomenologia hermenêutica; YouTube.

Abstract: In the midst of the enterprises of contestation and insubmission to mononormativity, there are relational and affective insurgent categories that invoke “free love”. However, the effort to counter the imperative of monogamy, to decolonize affectivities and move towards an artesanania of affections, runs into the constraints imposed by modernity/coloniality itself. For this reason, I seek to interpret broader opinions and experiences on the subject, exploring even the possible disputes in the plane of everyday life about the senses and meanings attributed to monogamy and non-monogamy that emerge from the narratives on YouTube. The interpretation of the discourses was based on the hermeneutic phenomenology of Paul Ricoeur in the light of the dialogue established with references that deal with love and relational configurations, such as, among others: Geni Núñez, Brigitte Vasallo, bell hooks, Duina Porto, Antonio Pilão and Rhuann Lima Fernandes Porto.

Keywords: non-monogamy; monogamy; hermeneutic phenomenology; YouTube.

Resumen: En el corazón de los emprendimientos de contestación e insubordinación a la mononormatividad, se assiste a categorías relacionales y afectivas insurgentes que invocan el “amor libre”. Sin embargo, el esfuerzo de contraponer el imperativo de la monogamia, de decolonizar las afectividades y seguir rumbo a una artesanía de afectos tropiezan con las limitaciones impuestas por la propia modernidad/colonialidad. Por esa razón, busco interpretar opiniones y experiencias más amplias sobre el tema, explorando incluso las posibles disputas en el plano de la vida cotidiana acerca de los sentidos y significados atribuidos a la monogamia y a la no monogamia que emergen de las narrativas en YouTube. La interpretación de los discursos fue hecha con base en la fenomenología hermenéutica de Paul Ricoeur a la luz del diálogo establecido con referencias que tratan del amor y de configuraciones relacionales, como, entre otras: Geni Núñez, Brigitte Vasallo, bell hooks, Duina Porto, Antonio Pilão y Rhuann Lima Fernandes Porto.

Palabras clave: no monogamia; monogamia; fenomenología hermenéutica; YouTube.

¹ Mestranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC-UFBA), com ênfase em Ciências Sociais em Saúde, e bacharela em Saúde (UFBA). E-mail: arthurdslopes@gmail.com



1 Introdução

Se o que entendemos por “amor” só adquire significado concreto na ação – por meio da fala, dos gestos, das atitudes etc. – (hooks, 2021), trata-se, portanto, de uma prática social com base na qual diferentes tipos de conformações relacionais e afetivas são feitas-na-prática pelos sujeitos em sua vida cotidiana (Oltamari, 2009). Contudo, tais agenciamentos não são isentos de constrangimentos, eles ocorrem no marco da mononormatividade (Porto, 2018).

Enquanto dispositivo (Agamben, 2006), a norma monogâmica introjeta e difunde uma série de discursos, comportamentos, leis, instituições, valores e expectativas que prescrevem a única e uníssona maneira de entender o que é o amor, quem pode vivê-lo e de que maneira. É uma operação que começa na e pela linguagem e se soma a ações concretas de controle e regulação do que é normal ou natural, daquilo que seria “amor de verdade”.

Em outros termos, o amor (romântico) em que tudo pode e perdoa – vide os crimes “passionais” –; que implica na “destruição do eu” para tornar-se “casal”. O projeto de vida a ser almejado é, por excelência, a busca pela “alma gêmea”, cujo encontro-acidente idealmente ocorreria com a pessoa “*meant to be*”, e duraria para sempre. Sob essa norma, o sujeito é “sequestrado” da sua rede de relações, e só deixaria de “estar sozinho” quando em arranjo romântico, pois não se concebem em mesmo patamar de importância os vínculos que não sejam afetivo-sexuais.

No entanto, isso tem estado sob tensão no marco da modernidade tardia (Bauman, 2004; Giddens, 2003). Tem-se apontado que a monogamia é componente estrutural do regime heterossexual (Wittig, 2001) e um mecanismo colonial historicamente responsável por produzir inúmeras violências de gênero, dado que prescreve uma conduta moral judaico-cristã e masculinista como estratégia sexopolítica (Preciado, 2011; Núñez, 2021) para controle e regulação dos corpos – e dos afetos.

Nesse sentido, pode-se dizer que o amor romântico atua enquanto tecnologia do gênero, na medida que estabelece as condições nas quais o sujeito e sua afetividade se tornam inteligíveis (de Lauretis, 1987). Quer dizer, roteirizam o estar e o ser dos sujeitos, seja em relações hétero ou homoafetivas e sexuais (Oltamari, 2009). Como raça é a maneira que o gênero é vivido (Davis, 2011), é a pessoa branca que é para casar, ser assumida, apresentada à família, ao passo que o capitalismo racial destina os corpos racializados para fornicar ou trabalhar (Gonzalez, 2020).

No bojo dos empreendimentos de contestação e insubmissão à mononormatividade, assiste-se a categorias relacionais e afetivas insurgentes que invocam o “amor livre”. São “relações abertas” e “poliamores” que se somam a outras e compõem aquilo que se popularizou chamar de



“Não Monogamia” (NM). A questão é que o esforço de contrapor o imperativo da monogamia, de decolonizar as afetividades e seguir rumo a uma artesanaria de afetos (Núñez, 2021) esbarram nos constrangimentos impostos pela própria modernidade/colonialidade.

Daí que, no senso comum, “mono” e “não mono” passam a se inserir na ideologia ocidental dualística do tipo “este ou aquele” (hooks, 1984). Ou seja, são entendidas como oposições dicotômicas cujo ponto de inflexão se resume a uma mera questão de quantidade, como se a monogamia não abrangesse o “poli” – não consensuado – ou a NM, o par.

Dessa forma, sob a ótica do “vale-tudo”, acredita-se que não há limites ou proibições na NM porque se é “livre”; que se existe desejo, ele deve ser consumado, independentemente dos efeitos que isso trará à rede de afetos. Tem-se, assim, uma oposição direta à ética do cuidado (Vasallo, 2022), cujos compromissos e acordos dinâmicos e circunstanciais estabelecidos “de relação a relação” lhe seriam basilares. Afinal, como afirma bell hooks (2021), amor implica comunicação, responsabilidade, honestidade, respeito e confiança.

Por essa razão, o objetivo do presente trabalho é compreender os sentidos atribuídos à monogamia e à NM que emergem das narrativas produzidas no YouTube. A escolha por essa plataforma se dá por ser aquela apontada como sendo a mais acessada por brasileiros (Pacete, 2023) e por não ser um espaço social fechado – como os grupos privados –, voltado apenas àqueles que se “identificam” com um ou outro.

Ao contrário de trabalhos anteriores, como o de Andrade Junior (2019), que focou, especificamente, no poliamor, busco interpretar opiniões e experiências mais amplas sobre o tema, explorando, inclusive, as possíveis disputas no plano da vida cotidiana entre aquilo que é concebido como sendo monogamia e NM, e o que é feito-na-prática na experiência relacional dos usuários do YouTube.

2 Considerações teórico-metodológicas

O procedimento metodológico consistiu, primeiramente, na coleta de todos os vídeos já publicados na plataforma em língua portuguesa até a data em que ela foi realizada, em 18 de outubro de 2023, usando o descritor “não + monogamia”. A busca foi feita por meio do YouTube Data Tools (Rieder, 2017) com apenas uma iteração, resultando em 50 vídeos ordenados em função do número de visualizações.

Para que fosse possível realizar uma leitura “em profundidade” e imergir no “mundo do texto”, optou-se por um estudo de caso da discussão disparada pelo vídeo intitulado “Estamos preparados para viver um relacionamento aberto? | Jout Jout de Saia | Saia Justa”, publicado pelo



perfil Canal GNT no YouTube, em 24 de junho de 2021.

Com mais de 421 mil visualizações e 819 comentários, ele foi o mais assistido na plataforma segundo os seguintes critérios de inclusão, a saber: a) ter discutido acerca da NM e b) ter feito com que as pessoas compartilhassem suas percepções e vivências nos comentários, não somente reações opinativas vagas. Dos comentários, os 200 mais curtidos, de caráter vivencial, foram lidos em profundidade – exportados em arquivo *.csv. através do YouTube Data Tools. Da mesma maneira para o vídeo: assistido para apropriação, e reassistido, transcrito e lido em repetição para validação.

O procedimento analítico adotado foi de cunho fenomenológico-hermenêutico (Ricoeur, 1986, 2010, 2013), operacionalizado tal como proposto por Diniz e Pimentel (2022). Dessa forma, privilegiou-se, nesta investigação, as marcas linguísticas presentes no texto – no vídeo e nos comentários –, nomeadamente: as expressões utilizadas, as metáforas e os atos de linguagem.

Para Ricoeur (1986 *apud* 2010, p. 148), “a fenomenologia só pode ser uma hermenêutica, porque o que está mais próximo de nós é também o que está mais dissimulado”. Nesse sentido, o objetivo do investimento hermenêutico repousa na busca por desvelar os sentidos das vivências humanas expressas em linguagem, daí sua proposição por uma fenomenologia hermenêutica. Afinal, a linguagem emerge das experiências de vida e para elas retorna, “pois, se a gente não falasse do mundo, do que a gentealaria?”² (Ricoeur, 1986, p. 140, tradução nossa).

Portanto, não se trata de uma hermenêutica que se volta apenas aos signos, à *parole*, sequer uma análise meramente estrutural, mas de uma hermenêutica que toma como pedra angular a dimensão da *referência* do discurso (Ricoeur, 2013), a saber: as crenças, os hábitos, os padrões de conduta e os estereótipos que denotam seus sentidos vivenciais (Diniz; Pimentel, 2022).

Para Ricoeur (1999), os sentidos não são fixos; eles são construídos ativamente em interação entre o mundo do leitor e o do autor. Nesse sentido, a significação é, também, um processo de negociação mediante as diferentes formas de ser e estar no mundo, através do qual os leitores podem solidificar, ampliar ou reconstruir os sentidos expressos pelo autor.

Dessa forma, o YouTube apresenta um *lôcus* de produção textual que muito corresponde à analítica ricoeuriana. Afinal, trata-se de vídeos dispostos em uma plataforma de mídia social de acesso público – à exceção daqueles deliberadamente privados –, cuja arquitetura leva os usuários a não só os assistir ou interagir com eles via curtidas, como também compartilhar suas interpretações na seção de comentários.

Além disso, tais interpretações também são passíveis de leitura, e, daí, surgem conversações

2 No texto original: «Car, si on ne parlait pas du monde, de quoi parlerait-on?».



em fios de comentários que comportam múltiplos sentidos acerca do assunto discutido no texto, os quais podem tanto convergir com o autor – do vídeo e do comentário – quanto reconsiderar os discursos já elaborados, ensejando outras chaves de compreensão.

Para tal, ele propõe um procedimento de interpretação de “via longa”, que visa ir além daquilo que se apresenta a nível da consciência imediata, buscando, no discurso, aquilo que nele está dissimulado. Isso é possível porque “o sentido de um texto está aberto a quem quer que possa ler” (Ricoeur, 2013, p. 137). Porém, essa leitura não encontra seu fim com a explicação acerca do que foi lido, ela conduz o leitor, também, a um ato de compreensão enquanto interpretação. Em outras palavras, uma “[...] compreensão aplicada às expressões escritas da vida” (Ricoeur, 2013, p. 85).

Destarte, a última etapa da análise foi a da compreensão hermenêutica, ou seja, do movimento analítico de síntese dos elementos heterogêneos que compõem as frases analisadas, para que, à luz do diálogo estabelecido com referências que tratam do amor e de configurações relacionais, se conseguisse “[...] reunir os diversos aspectos da situação e apresentar uma síntese que proporcione uma visão o mais global possível das vivências expressas nos discursos” (Diniz; Pimentel, 2022, p. 11).

Tais referências são, dentre outras: Geni Núñez (2021), Brigitte Vasallo (2022), bell hooks (2021), Duina Porto (2018), Antonio Pilão (2012, 2019) e Rhuann Lima Fernandes Porto (2022). Finalmente, para efeito de apresentação dos resultados, a autora do vídeo será etiquetada como “AVA”; já os leitores como “LV”, enumerados segundo ordem de ocorrência.

3 Resultados e discussão

O primeiro passo metodológico adotado foi o movimento de compreensão para estabelecimento de conjecturas iniciais acerca das marcas linguísticas de maior importância na narrativa construída por AVA para abordar a NM no vídeo, o qual resultou na identificação de quatro metáforas fundamentais: “NM-evolução”, “amor livre”, “chama de vela” e “desbravar matos”.

Inicialmente, a metáfora usada por AVA para tratar da NM é a de que ela representaria um “grau de consciência” que “nós humanos” atingimos na trajetória percorrida entre partir da concepção de “uma pessoa pra vida”, ir em direção a “uma pessoa por vez” e começar, finalmente, a achar “uma boa ideia” nos relacionarmos com mais de uma pessoa a um só tempo.

As demonstrações de tal evolução independeriam da nomeação explícita, dado que se faz presente na vida cotidiana na figura do(a) amante e nos discursos – de lamento – que colocam em



questão a estabilidade da exclusividade monogâmica: “*eu já ouvi muita amiga falando assim ‘vou casar e nunca mais pegar ninguém’ sofrendo com isso [...]*” (AVA).

A despeito das antecipações provenientes do contrato tácito monogâmico em torno do “até que a morte nos separe”, a compreensão geral mobilizada nos comentários acerca dessa capacidade de se relacionar com mais de uma pessoa é a de que ela “[...] *sempre existiu, as pessoas sempre tiveram a necessidade de experimentar algum contato com alguém fora do seu relacionamento, por um motivo ou outro [...]*” (LV1).

Contudo, as relações extraconjugais foram historicamente penalizadas de maneira desproporcional quanto ao (cis)gênero (Porto, 2018). Conquanto se enderece julgamentos morais às mulheres, tem-se um investimento de legitimação de tais práticas para os homens por meio de discursos assentados nas supostas diferenças biológicas – portanto, “naturais” – existentes entre eles, segundo os quais: “homem é assim mesmo, não consegue se segurar”.

Não por acaso, em um estudo sobre o comportamento sexual de brasileiros, 63,7% dos homens, dentre os 1.303 entrevistados, afirmaram já ter tido relações extraconjugais no casamento, contra 23,2% das 1.474 mulheres (Abdo *et al.*, 2000). Tomando gênero como categoria analítica para análise histórica (Scott, 2006), Córdoba de La Llave (1994) se debruçou sobre documentos provenientes do medievo na Península Ibérica e aponta que era comum assistir a penas degradantes para o adultério, sobretudo quando cometido por mulheres.

Dessa forma, observa-se um certo receio à NM por parte de algumas leitoras. LV2, por exemplo, destaca que acha “[...] *bonito o conceito do amor livre, mas temos, como mulheres, sobretudo mães, [que] ficamos muito ligadas nesse discurso, pois muitos carregam um relacionamento abusivo*”. LV3, por sua vez, reconhece a inefetividade da monogamia, mas, para ela:

[...] relacionamento aberto com homens muitas vezes vira desculpa pra falta de responsabilidade emocional e pros caras fazendo mais do mesmo... Muitas marcas do machismo pra que quando falam de possibilidade de abrir a relação isso não ser uma ferida em mim!

Partindo da questão “por que o poliamor e as relações livres podem ser privilégios para os homens?”, Pilão (2012) tratou de um debate similar feito por feministas e poliamoristas em diferentes dependências do ciberespaço. De maneira geral, apesar do poliamor reclamar a liberdade sexual outrora destinada apenas aos homens, servindo de meio para o exercício do erótico feminino (Lorde, 2012), aponta-se que ela se dá de maneira fundamentalmente assimétrica dada as desigualdades de gênero e raciais, a exemplo do uso instrumental da NM para preterir mulheres negras (Porto, 2022).



Em outro fio de discussão, LV4, casado com outro homem há sete anos, relatou como a decisão de “abrir” o relacionamento levou o casal a desejar um terceiro parceiro para formar um trisal. Na interlocução com esse leitor, LV5 comentou estar em sua primeira “relação séria”, mas que, por se encontrar com uma pessoa “a favor da poligamia”, ainda não houve “oficialização”. Segundo LV5, “[...] sabemos que no nosso meio ter algo monogâmico é difícil, pois sempre rola traições e tive muitos exemplos de amigos próximos que me deixam com medo [...]”.

Em resposta, LV4 explica que “[...] tenho meu relacionamento aberto, mas antes sempre fui monogâmico e gostava em ser; o problema é quando as pessoas te exigem exclusividade e elas não cumprem!”. Dando mais ênfase à responsabilidade e à honestidade em detrimento da mera quantidade, LV4 complementa: “[...] o combinado não sai caro! Melhor combinar do [que] ser desonesto! Essa história de amor romântico não existe...”.

A referência feita por LV5 a esse “meio gay”, dentre os diferentes mundos homossexuais (Pinho, 2004), desvela, de certa forma, a dialética imanente do ser desviante sexual e, ao mesmo tempo, seguir o roteiro normativo da performance do ser homem “de verdade” – o que envolve desresponsabilização e desonestidade (hooks, 2021). No marco do que Duggan (2002) chamou de homonormatividade, não há problema ter desejos e práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo biológico, desde que possua passabilidade “*straight*”.

Tal como Vasconcelos, Vieira e Cal (2017) identificaram na análise da utilização do Grindr – aplicativo de sociabilidade –, essa norma está tão incutida nas preferências relacionais das pessoas autodeclaradas gays que ela se apresenta sob a forma do Macho (homem másculo e com voz grossa), do “*Brother*” (homem “sem afetação”), do Socador (dentre outras, macho e com barba), do Presença (“ativo de verdade” e com barba) e do Parça (homens malhados, com barba, ativos e “sem afetação”).

Se há um imperativo monolítico e monológico masculinista (Butler, 2002), não seria surpresa um leitor relatar ter “[...] a impressão que é mais fácil para os homens viverem relacionamentos abertos do que para as mulheres” (LV6); isso, pois a maioria dos seus “[...] amigos gays abrem os relacionamentos, enquanto que as lésbicas, na sua maioria, são monogâmicas”.

A esse respeito, uma leitora reconhece: “eu sou lésbica e não monogâmica e concordo, muito difícil achar uma parceira que [não] seja insegura sobre esse tipo de relacionamento” (LV7). Se, por um lado, tem-se um “poliamor de vanguarda” enunciado “no meio gay”, por outro, Vasallo (2022) aponta que o romantismo exacerbado entre as mulheres lésbicas é resultado da tentativa de contrapor a pornografização dos seus corpos (Lorde, 2012), ao colocarem o amor romântico como a pedra angular no estabelecimento de suas relações.



Ao contrário do que comumente se pensa com relação à NM, foi enfatizado nos comentários do vídeo que não há correspondência entre relações “abertas” e irresponsabilidade afetiva, haja vista que “[...] *quem quer faz como quiser. Se não tem responsabilidade afetiva/emocional, vão te trair, te enganar ou faltar com respeito seja relação monogâmica ou não...*”. Daí que surge a própria questão disparadora do vídeo: “*Estamos preparados para viver um relacionamento aberto?*”.

Segundo a AVA, apesar de termos atingido um “nível de consciência” em que se concebe ter relações com mais de uma pessoa por vez, não estamos prontas(os) para a NM. O que se observa na prática é uma tendência à reprodução de lógicas monogâmicas, quando não neoliberais, de mercantilização dos corpos e sobrevalorização do eu na satisfação de desejos meramente individuais. “Assim, a solução mais fácil é mentir, e se mente” (Vasallo, 2022, p. 242).

Aí você começa a se relacionar com essa outra pessoa, aí você sente coisas, você fala, ‘ai, será que eu falo pra essa pessoa que eu tô sentindo essas coisas? Melhor não’ [...], é um monte de meia-verdade, você não tá sendo verdadeiro pra ninguém e nem com você direito, porque tá sempre meio que travado, entende? Uma amiga que falou isso, que é como se você pegasse a verdade e dividisse ela entre os pares, sabe? (AVA).

A metáfora da “chama de vela” é usada por AVA para sublinhar que a chama – a verdade – não deveria diminuir de tamanho à medida que passa para outras velas – relações –, pois se assim o for, se tratará de uma monogamia múltipla (Vasallo, 2022). Tal qual pontuou um leitor, “*estamos abrindo relacionamentos, mas estamos querendo que funcionem com a mesma fórmula da monogamia. Há um imaginário sobre relações românticas e ele tem de ser alterado tanto quanto o ‘formato’*” (LV8).

Com efeito, Geni Núñez (2021) e Brigitte Vasallo (2022) têm sido enfáticas ao dizer que a NM se trata justamente dessa *mise en question* da maneira que as relações são estabelecidas e vividas sob a égide da mononormatividade, muito mais do que suas “decorações”, a saber: o número de pessoas envolvidas e os rótulos que lhes são atribuídos.

A esse respeito, uma leitora pontua que “*praticar o amor livre ou se tornar não monogâmico não é sobre ter vários relacionamentos, é muito mais que isso. E as vezes quase nada sobre ter várias relações*” (LV9). Nesse sentido, LV10 relata:

Eu não fico procurando ninguém pra me relacionar além do meu parceiro de anos, mas o negócio é que eu não fecho a possibilidade caso em algum momento apareça alguém. No início, a insegurança nos faz pensar o tempo todo se o nosso companheiro vai achar alguém melhor, mais bonita, mais interessante... Só que pra mim, no amor livre, foi possível me desvincular dessa insegurança porque a enfrentei de frente [...].

Em outras palavras, “os relacionamentos precisam de esforço, não de milagres” (Vasallo, 2022, p. 250), conclamam um amor enquanto ato de vontade que é tanto intenção quanto ação



(hooks, 2021). Faz-se necessário assumir, como nos convida refletir bell hooks, que amar não é um instinto, mas um *habitus*, uma atitude produzida e reproduzida através das redes de interrelações no interior das quais agimos cotidianamente (Elias, 1997).

Esse sentido, de amor-artesania em guisa de descolonizar os afetos (Núñez, 2023), foi mobilizado pela AVA por meio da metáfora “*desbravar matos*”, segundo a qual “[...] *casais no mundo todo estão passando por cima das coisas que eles aprenderam e criando novas coisas. [...] às vezes com pouquíssima referência, [...], abrindo mato até que um dia as referências serão criadas*”.

Uma leitora – LV11 –, por exemplo, relata: “*eu e minha namorada estamos desbravando esse mato tem alguns meses e hoje em dia a chama da vela dela passou para outra moça sem diminuir a chama da minha vela ahaha...*”. Lidar com o fato de que a pessoa que LV11 ama estava amando outra não foi algo fácil, “[...] *gerou um desconforto absurdo*”; mas, foi através dessa experiência, que ela se reconheceu “*apegada e dependente*” e teve que encarar as inúmeras inseguranças que foram surgindo ao longo do relacionamento.

Em resposta à LV11, LV12 compartilha que também é da “*turma que está lá tentando desbravar o mato*”, dado que sua namorada está apaixonada por outra mulher. Mesmo com os desconfortos, medo de rejeição e abandono e “*alguma dor*”, ela se viu sendo capaz de sentir compersão e apoiar sua companheira nessa nova relação, amparando-a quanto às suas inseguranças.

A despeito dos discursos que enquadram o poliamor como ponto máximo da evolução dos modos de se relacionar (Pilão; Goldenberg, 2012), a NM feita-na-prática pelos sujeitos é aquela em que se reconhece o “*fantasma*” da mononormatividade e enfrenta seus efeitos, ao invés de torná-los naturais ou negá-los. Como aponta LV11, “*nenhum de nós está livre de ciúmes e insegurança, não escolhemos sentir isso, mas escolhemos como vamos lidar com isso*”. De fato, o relato de LV13 sintetiza a posição dos leitores quando diz que:

Como alguém que tenta seguir o amor livre e é não monogâmico há 6 anos e não sente vontade de voltar a monogamia, discordo completamente. Não estamos ‘abrindo mato’, não temos uma ‘consciência humana universal’ diferente de ninguém; Eu chorei de ciúmes por muito tempo, questionei minha escolha, questionei a escolha dos meus parceiros. Eu me mudei para aceitar a não-monogamia. Porque eu quis, porque eu considerava o ciúmes, a posse, a individualidade, algo errado. Ela nunca esteve menos distante de mim do que de qualquer outra pessoa, e eu a escolhi por considerá-la correta, mas isso não me torna especial ou diferente de ninguém (e nem a torna correta).

Para LV13, “amor livre” e ser “não-monogâmico” não são interpretados como sinônimos, o primeiro é acionado como um processo inconcluso, conquanto o último uma espécie de identificação estratégica (Preciado, 2011). Com efeito, ao se analisar a seção de comentários, percebe-se que o uso do termo “amor livre” de maneira intercambiável com a NM foi contestado



por alguns usuários.

LV14, por exemplo, tem um ponto de vista similar ao de bell hooks (2021) e Emma Goldman (2016). Ele diz que a expressão “amor livre” o incomoda, porque, “[...] *pra começar, todo amor é livre, se não é livre, não é amor*”. Ademais, o problema de circunscrever o “amor livre” à NM, para LV14, é que “[...] *dá a ideia de que quem optou pela monogamia não ama de verdade*”.

Ao mesmo tempo, Pilão (2019, p. 6) chama a atenção para os efeitos desses discursos que hierarquizam e visam acionar uma suposta superioridade ética do poliamor e seus “praticantes”, os quais acabam fazendo com que mulheres não poliamoristas se sintam “[...] atrasadas, inadequadas, machistas que aceitaram se submeter ao domínio patriarcal da monogamia”.

Nesse lugar de competição – à la lógica monogâmica – entre quem melhor traduziria o amor-de-verdade, faz-se necessário destacar que as conformações NM também são alvo dos mesmos discursos. Tem-se a ideia de que a NM implica em relações superficiais e pouco comprometidas, como se as pessoas que com ela se identificam não fossem passíveis de serem “levadas a sério”.

Um leitor – LV15 – comentou sobre isso, afirmando que sua proposição por “outras formas de relacionamento” não só foi negada, como o fato de tê-las colocado à mesa fizeram com que seu parceiro terminasse a relação prematuramente pelo medo dele se apaixonar por outras pessoas “a qualquer momento” – como se esse não fosse um desfecho possível no arranjo monogâmico. Outra leitora – LV16 –, compartilha:

Eu tenho uma relação aberta e por vezes pensei em fechar. Não porque não tá dando certo. Não porque existe ciúmes. Mas porque você sente CULPA. Você pensa que o que vocês vivem não é válido, não é real, que vocês deveriam estar só entre vocês como ‘um casal de verdade’. Mesmo totalmente satisfeita com minha relação, me vinha vontade de fechar só para as pessoas nos olharem e dizerem ‘casal perfeito’.

Vasallo (2022, p. 252) assume uma posição crítica quanto a esses discursos de hierarquização, até porque esse é um *modus operandi* monogâmico-colonial. Para essa autora, faz-se necessário “[...] evitar a constante tentação de nos acharmos melhores, de acharmos que possuímos as verdades únicas e definitivas e o núcleo desejado e hierárquico”, e isso vale para aqueles que se “identificam” tanto com a monogamia quanto com a NM.

Outro problema de plasmar “NM” ao “amor livre” é que se cria a ideia de um poliamor “bufê livre” (Vasallo, 2022). Quer dizer, cooptada pela lógica neoliberal, difunde-se a ideia de que a NM teria como objetivo final o exercício inadvertido da “liberdade”, alheio a qualquer regramento, pactuação ou consequência, visando tão somente a realização de um amor-consumo (Kessler, 2013).



Trata-se de uma posição alienada que desconsidera que a liberdade não é exercida de maneira deliberada; existe um peso histórico ineliminável na ação humana, decorrente daquilo que fora herdado de um “passado” e que se mantém “presente” em função da (re)produção do social (Corcuff, 2001). Afinal, “não há lugar fora do sistema se você foi construída dentro dele e com ele” (Vasallo, 2022, p. 239).

Dessa forma, discursos tais quais “não monogamia é coisa de branco” (Porto, 2022), “poliamor é para pessoas ricas e bonitas” (Pilão, 2019), ou mesmo a ênfase dada à gestão do tempo (Gonçalves, 2021; Núñez, 2023; Pilão, 2019), quando na discussão sobre NMs, não deveriam ser tratados como meras posições antagônicas às NMs, mas consequentes da catástrofe metafísica do processo colonial (Maldonado-Torres, 2023).

Não obstante, tratando-se das reações enfatizando que a NM “sempre existiu”, o primeiro efeito observável é a “eficácia” da modernidade/colonialidade em instituir uma “amnésia de gênese” (Bourdieu, 2014) e impor a mononormatividade enquanto marco de referência da afetividade. Isso porque a monogamia é colocada como se não houvesse nada antes dela, como se fosse o “estágio inicial” a partir do qual são produzidas “novas” maneiras de se relacionar.

Além disso, reconhecer que a instituição monogâmica não fora pensada para os “condenados da terra” (Fanon, 2022) – à exceção do seu uso instrumental para controle dos seus corpos, tal como ocorreu durante a epidemia do HIV/Aids³ – não implica na supressão das linhas duras que conformam os processos de subjetivação dos sujeitos cujos corpos são alvo de abjeção – coisificação, objetificação, pornografização etc. (Peres, 2011). Com efeito, é o que sublinha a leitora LV16 ao tecer críticas à NM feita-na-prática:

É esse o mato que vcs rompem. É desmatando. É se esquecendo que monocultura e monogamia desmatam[.] mas desbravar o mundo tendo como parâmetro as experiências do próprio umbigo dói. Recentemente um esquerdomacho de alta escolaridade e classe A, que se diz não monogâmico se aproximou de mim para ‘uma relação sexual não monogâmica’, aos poucos fui entendendo que sim, ele queria experimentar uma mulher preta, gorda, do sertão, exótica. Mas pode ter certeza que ele nunca vai abrir mão de seus privilégios para dividir algo verdadeiro com alguma mulher como eu. Carinho? Afeto? Poli’amor?’

Apolítica de desumanização que funda o projeto da modernidade/colonialidade (Maldonado-Torres, 2023) não é um artefato a ser suplantado pela simples vontade individual de fazer face à mononormatividade. Inclusive porque, se a NM e a monogamia forem colocadas no espaço da diferença quantitativa, faz-se necessário uma analítica mais compreensiva para que os discursos

³ A epidemia do HIV/Aids teve um papel importante na imputação da “promiscuidade” – com todo o peso da moralidade judaico-cristã já existente dada a imagem do “perverso” – aos desviantes de gênero e sexualidade. Sob a égide do risco, a monogamia fora tratada não como condição já dada, mas como estratégia – a ser adotada *dêsormais* – de “proteção” da sociedade frente à disseminação das infecções sexualmente transmissíveis (Moretti-Pires; Grisotti, 2022).



em torno do “não é para mim” não sejam levianamente interpretados como um movimento de adequação ou conformidade à monogamia.

Nos comentários, as(os) leitoras(es) se referiram a uma série de fatores que levam em consideração quando na (auto)avaliação quanto à quantidade de relacionamentos afetivo-sexuais instituídos. Dos que foram mais frequentes, têm-se: i) o autoconhecimento quanto à maneira que experimentam a afetividade; ii) a capacidade dos sujeitos de “dar conta” das relações de forma ética – “[...] entender você a si mesmo é algo muito importante e se respeitar, não forçando algo que não lhe é confortável” (LV17); e iii) os próprios tensionamentos entre os modos de ser e estar na égide do capitalismo:

Quando era mais nova, sempre achei que na teoria o relacionamento aberto era ótimo, mas na prática não servia pra mim. Eu sempre me envolvi muito na relação e somando isso com trabalhar, estudar, amigos e cuidar de mim mesma, não sobrava tempo pra colocar mais um, dois ou três no rolê. [...] (LV18).

Como vc disse a verdade é um bom caminho para termos a responsabilidade emocional em dia... Eu tenho até uma certa vontade, mas é muita relação para administrar, já é complicado a que tenho (LV19).

Nossa se relacionar com alguém, mesmo que saudavelmente, dar suporte, apoio emocional etc, construir confiança, demora mt tempo e dá um trabalhão. Imagina com mais de uma pessoa. Mesmo q eu não tivesse ciúmes, não teria tempo nem disposição pra isso (LV20).

Isto é, tal como ilustra Conceição Evaristo (2016, p. 62-64), através do conto “O cooper de Cida”, o sistema capitalista neoliberal cria um *ethos* no qual se faz necessário estar em uma eterna corrida a ser realizada sob “[...] a corda bamba, invisível e opressora do tempo”. Por essa razão, “a vida seguia no ritmo acelerado de seu desejo. Trabalho, trabalho, trabalho. O dia entupido de obrigações. A noite festejada por encontros de rápidos gozos. [E os amores?] Os amores tinham de ser breves”.

Em outras palavras, trata-se de uma corrida que já coloca todas as dimensões da vida cotidiana – inclusive as afetivo-sexuais – no espaço da competição, no qual só vence aquele que consegue se adequar à rotina destinada à produção, ou à subsistência, quando nos circuitos de exclusão social.

4 Considerações finais

Destarte, o presente trabalho teve como objetivo analisar os sentidos atribuídos à monogamia e à NM, e como são significados pelos sujeitos no espaço social composto pelo vídeo mais visto no YouTube – plataforma com maior número de usuários no Brasil – sobre o tema e seus comentários.

Diferentemente dos resultados encontrados por Andrade Junior (2019), os comentários



feitos ao vídeo analisado foram muito mais na direção de uma conciliação entre as conformações relacionais não monogâmicas e monogâmicas do que um movimento de desqualificação visando reiterar estigmas. Com efeito, a maior parte dos leitores enfatizavam, em alguma medida, a necessidade de reconhecer e respeitar as múltiplas formas possíveis de se relacionar, pois “[...] cada um tem sua forma de sentir e se expressar”.

Em meio à discussão em torno da NM-evolução discutida anteriormente, algumas pessoas destacaram que a “evolução” enunciada pela autora do vídeo não se referiria à qualificação da NM como “melhor”, mas a uma mudança na sociedade no sentido de maior abertura, respeito e aceitação à NM. No entanto, isso demonstra que a interpretação dos leitores foi mais direcionada à ação individual do que à dimensão estrutural, dado que pouco foi comentado acerca dos constrangimentos advindos do Estado.

Afinal, a despeito do que tem sido realizado concernente aos agenciamentos dos sujeitos em sua vida cotidiana, tem-se uma sexopolítica mononormativa que atua não somente excluindo as pessoas que vivem múltiplas conjugalidades dos direitos relacionados à família e ao matrimônio, mas interditando o exercício da sua intimidade sob a égide da ordem pública (Pérez Navarro, 2017; Porto, 2018).

No que tange à gestão do tempo, por exemplo, Núñez (2023) aponta para a ação articulada dos sistemas capitalista, racista e cisheteropatriarcal na produção do “tempo opressor”. Contudo, diferentemente dessa autora, os comentários trataram mais do tempo-recurso necessário para o investimento em rel(ações) éticas, para além dos quadros institucionais dos aparelhos privados da hegemonia monogâmica – família e casamento. Por essa razão, houve pouca menção ao fato de que a própria monogamia “tira”, de maneira assimétrica, o tempo de pessoas não homens cisgênero e não brancas pela mais-valia afetiva e múltiplas jornadas de trabalho – doméstico, reprodutivo etc.

Nessa mesma linha de crítica, dar luz aos efeitos da matriz de dominação (Collins, 2016), na conformação das experiências relacionais, não retira a agência dos sujeitos, não os destina ontologicamente à precariedade e à solidão; pelo contrário, tem-se o reconhecimento do caráter dialético das experiências vividas e das operações necrobiopolíticas da modernidade/colonialidade, responsáveis por produzir preterimento, escassez afetiva e hipersexualização.

Finalmente, faz-se importante destacar que o presente trabalho tem como limitação o caráter da pesquisa, o qual, apesar da escolha pelo estudo de caso ter oportunizado uma análise aprofundada, que deu conta de diversos aspectos abordados em trabalhos anteriores, só levou em consideração o espaço social de uma só produção. Nesse sentido, faz-se necessário que novos trabalhos lancem mão de métodos mais abrangentes para que vídeos produzidos por sujeitos dissidentes, acerca



das suas experiências relacionais, sejam vocalizados nesse contínuo e permanente processo de “derrubar matos” em vista da decolonização dos nossos afetos.

Referências

- ABDO, Carmita Helena Najjar *et al.* Perfil sexual da população brasileira: resultado do estudo do comportamento sexual (ECOS) do brasileiro. *Revista Brasileira de Medicina*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 4, p. 250-257, 2000.
- AGAMBEN, Giorgio. *Théorie des dispositifs. Po&sie*, France, n. 115, p. 25-33, 2006.
- ANDRADE JUNIOR, Carlos Gustavo. *Poliamor e ciberespaço: uma análise das representações sociais no Youtube*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.
- AS MULHERES negras na construção de uma nova utopia – Angela Davis. *Portal Geledês*, São Paulo, 12 jul. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre el Estado: cursos en el Collège de France (1989-1992)*. Barcelona: Anagrama, 2014.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 2002.
- COLLINS, Patricia Hills. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.
- CORCUFF, Philippe. *As novas sociologias: construções da realidade social*. Bauru: EdUSC, 2001.
- DE LA LLAVE, Ricardo Córdoba. Adulterio, sexo y violencia en la Castilla medieval. *Espacio Tiempo y Forma*, España, serie 4, n. 7, p. 153-184, 1994.
- DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of gender: essays on theory, film, and fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- DINIZ, Caetano da Providência Santos; PIMENTEL, Adelma do Socorro Gonçalves. Uma proposta metodológica para Análise do Discurso baseada na hermenêutica de Paul Ricoeur. *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2022.
- DUGGAN, Lisa. The New Homonormativity: the sexual politics of neoliberalism. In: CASTRONOVO, Russ; NELSON, Dana D. (ed.). *Materializing democracy: toward a revitalized cultural politics*. Durham:



Duke University Press, 2002. p. 175-194.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

GOLDMAN, Emma. Casamento e Amor. Tradução: José Paulo Maldonado de Souza. *Cadernos Cajuína*, Teresina, v. 1, n. 3, p. 136-143, Dec. 2016.

GONÇALVES, Ítalo Vinícius. Matemática dos afetos, dissensos e sentidos sociais acerca das noções de “monogamia” e “não-monogamia”. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 16, n. 3, p. 61-75, 2021.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *Feminist Theory: from margin to center*. Cambridge: South End Press, 1984.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

KESSLER, Cláudia Samuel. Novas formas de relacionamento: fim do amor romântico ou um novo amor-consumo? *Sociedade e cultura*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 363-374, 2013.

LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. Canada: Crossing Press, 2012.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 27-54.

MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio; GRISOTTI, Marcia. O lugar (do) errado: discriminações contra lésbicas, gays e mulheres bissexuais no ensino médico. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 1-13, 2022.

NORBERT, Elias. *La société des individus*. France: Fayard, 1997.

NÚÑEZ, Geni. Luta e pensamento anticolonial: uma entrevista com Geni Núñez. Entrevistadora: Luma Lessa. *Revista Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 5, n. 2, p. 38-57, 2021.

NÚÑEZ, Geni; OLIVEIRA, João Manuel; LAGO, Mara. Monogamia e (anti) colonialidades: uma artesanaria narrativa indígena. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 16, n. 3, p. 76-88, 2021.

NÚÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos: Experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.



OLTRAMARI, Leandro Castro. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 14, n. 4, p. 669-677, out./dez. 2009.

PACETE, Luiz Gustavo. Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo. *Forbes*, São Paulo, 9 mar. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

PERES, Wiliam Siqueira. Travestis: corpos nômades, sexualidades múltiplas e direitos políticos. In: SOUZA, Luís Antônio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de (org.). *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*. Marília: Oficina Universitária, 2011. p. 69-104.

PÉREZ NAVARRO, Pablo. Cisheteromonormatividade y orden público. In: OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lígia (ed.). *Gêneros e sexualidades: intersecções e tangentes*. Lisboa: CIS-IUL, 2017. p. 89-110.

PILÃO, Antonio Cerdeira; GOLDENBERG, Mirian. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 62-73, 2012.

PILÃO, Antonio Cerdeira. Quando o amor é o problema: feminismo e poliamor em debate. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/rHXdGnbh8LdgJnTvWYNLYRB/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2023.

PINHO, Osmundo. A guerra dos mundos homossexuais: resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In: RIOS, Luís Felipe *et al.* (ed.). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 127-135.

PORTO, Rhuann Lima Fernandes. “O amor é? ”: Negritude e relações não-monogâmicas: as dimensões micropolíticas do afeto. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

PORTO, Duina. Mononormatividade, intimidade e cidadania. *Revista Direito GV*, v. 14, n. 2, p. 654–681, 2018.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, p. 11-20, abr. 2011.

RICOEUR, Paul. *Du texte à l’action: essais d’herméneutique II*. Paris: Éditions du Seuil, 1986.

RICOEUR, Paul. La identidad narrativa. In: RICOEUR, Paul. *Historia y narrativa*. Tradução: Gabriel Aranzueque Sahuquillo. Barcelona: Paidós, 1999. p. 215-230.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa 3: o tempo narrado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.



RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Ed. 70, 2013.

RIEDER, Bernhard. *YouTube Data Tools*. Version 1.42. Amsterdam: [s. n.], 2017. Disponível em: <https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/index.php>. Acesso em: 31 maio. 2023.

SCOTT, Joan Wallach. Gender as a useful category of historical analysis. In: PARKER, Richard; AGGLETON, Peter (ed.). *Culture, society and sexuality*. London: Routledge, 2006. p. 77-97.

VASALLO, Brigitte. *O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos*. Tradução: Mari Bastos. São Paulo: Elefante, 2022.

VASCONCELOS, Osvaldo da Silva; VIEIRA, Manuela do Corral; CAL, Danila Gentil Rodriguez. Vitrine virtual: comunicação, práticas corporais e sociabilidade no Grindr. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, v. 31, n. 76, p. 36-45, jan./abr. 2017.

WITTIG, Monique. *La pensée straight*. Tradução: Marie-Hélène Bourcier. Paris: Balland, 2001.

